DOI: https://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2026.v35.n81.p25-39

CORRESPONDÊNCIA INTERESCOLAR E PEDAGOGIA FREINET: DA FRANÇA PARA O BRASIL E DO BRASIL PARA A FRANÇA

*Daniela Dias dos Anjos**
Faculdade de Educação (UNICAMP)
https://orcid.org/0000-0002-7695-835X

*Cinthia Vieria Brum Lima***
Prefeitura Municipal de Garanhuns
https://orcid.org/0000-0002-1444-8530

*Izabel Galvão****
Universidade Paris 8
https://orcid.org/0000-0001-9368-0751

RESUMO

Neste texto, realiza-se uma reflexão com base na narrativa pedagógica de uma experiência vivenciada na prática por professoras envolvidas em um projeto, por meio do uso da correspondência interescolar, uma técnica da Pedagogia Freinet. A correspondência foi realizada entre alunos brasileiros do 5.º ano de uma escola pública no interior de São Paulo e estudantes em uma universidade francesa. Apresenta-se uma análise do contexto de produção das correspondências no Brasil e na França e sobre como a troca de correspondência possibilitou aos estudantes ampliarem seus horizontes. Não interessa aqui o produto final da carta, mas sim, o modo de produção, os diálogos e os aprendizados que elas proporcionaram e os efeitos que continuam reverberando nos atores envolvidos, bem como naqueles que podem ter acesso à experiência, e, a partir dela, viver novas experiências.

Palavras-chave: Pedagogia Freinet; Correspondência interescolar; Narrativa.; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

INTER-SCHOOL CORRESPONDENCE AND FREINET PEDAGOGY: FROM FRANCE TO BRAZIL AND FROM BRAZIL TO FRANCE

In this text, we will present a reflection based on the pedagogical narrative of

* Doutora em Educação. Pós-doutorado realizado no Laboratório EXPERICE. Pós-doutoranda da UNICAMP. Professora da educação básica no Colégio Santa Felicidade em Jundiaí(SP). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPLL) e Grupo de Pesquisa Histórias de Vida,. Narrativas e Subjetividades (HINAS). Professora da educação básica no Colégio Santa Felicidade em Jundiaí (SP). Campinas, SP, Brasil. E-mail: daniela.anjos.prof2015@gmail.com

** Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação - UNICAMP. rofessora de Ensino Fundamental - anos iniciais. Membro da Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet. (REPEF). Campinas, SP, Brasil. E-mail: cinthiavbrum@gmail.com

*** Doutora na área de Psicologia e Educação. Professora na Université Sorbonne Paris-Nord (Paris 13). Professora da Université Paris 8 Vincennes–Saint-Denis. Pesquisadora do centro de pesquisa EXPERICE (Paris 8/Paris 13). Saint-Denis, França. E-mail: izabel.galvao02@univ-paris8.fr

an experience we lived in relation to our practice as teachers using interschool correspondence, a technique of Freinet Pedagogy. The correspondence was carried out between Brazilian fifth-grade students from a public school in the interior of São Paulo and students at a French university. We will present an analysis of the context in which the correspondences were produced in Brazil and in France, and how this exchange of letters made it possible to broaden the students' horizons. Our interest lies not only in the final product—the letter itself—but also in the process of its production, the dialogues and learning experiences it fostered, as well as the effects that continue to resonate among the participants and those who may have access to the experience, allowing them, in turn, to live new ones.
Keywords: Freinet Pedagogy; Inter-school Correspondence.; Narrative; Elementary Education.

RESUMEN

CORRESPONDENCIA INTERESCOLAR Y PEDAGOGÍA FREINET: DE FRANCIA A BRASIL Y DE BRASIL A FRANCIA

En este texto realizaremos una reflexión a partir de la narrativa pedagógica de una experiencia que vivimos en relación con nuestra práctica como profesoras en el uso de la correspondencia interescolar, una técnica de la Pedagogía Freinet. La correspondencia se llevó a cabo entre alumnos brasileños de quinto grado de una escuela pública del interior de São Paulo y estudiantes de una universidad francesa. Presentaremos un análisis del contexto de producción de las correspondencias en Brasil y en Francia, así como de cómo el intercambio epistolar permitió una ampliación de horizontes para los estudiantes. No nos interesa únicamente el producto final de la carta, sino el modo de producción, los diálogos y aprendizajes que éstas generaron, así como los efectos que continúan reverberando en los actores involucrados y en quienes puedan tener acceso a la **experiencia, pudiendo, a partir de ella, vivir nuevas experiencias.**
Palabras clave: Pedagogía Freinet; Correspondencia interescolar.; Narrativa; Educación Primaria.

RÉSUMÉ

CORRESPONDANCE INTERSCOLAIRE ET PÉDAGOGIE FREINET : DE LA FRANCE AU BRÉSIL ET DU BRÉSIL À LA FRANCE

Dans ce texte, nous proposerons une réflexion à partir du récit pédagogique d'une expérience vécue en lien avec notre pratique en tant qu'enseignantes dans l'utilisation de la correspondance interscolaire, une technique issue de la Pédagogie Freinet. La correspondance a été réalisée entre des élèves brésiliens de 5^{e} année d'une école publique de l'intérieur de São Paulo et des étudiants d'une université française. Nous présenterons une analyse du contexte de production des correspondances au Brésil et en France, ainsi que la manière dont cet échange épistolaire a permis un élargissement des horizons des élèves. Notre intérêt ne porte pas uniquement sur le produit final de la lettre, mais sur le processus de production, les dialogues et les apprentissages qu'elles ont suscités, ainsi que sur

les effets qui continuent de résonner chez les acteurs impliqués et chez ceux qui peuvent avoir accès à cette expérience, pouvant à leur tour en vivre de nouvelles.
Mots-clés : Pédagogie Freinet; Correspondance interscolaire; Récit; Enseignement primaire.

INTRODUÇÃO[1]

Neste texto, narramos uma experiência de correspondência entre Brasil e França, da qual participaram as três autoras. No contexto da realização de um estágio pós-doutoral na Universidade Sorbonne Paris Nord[2], Daniela Anjos acompanhou a disciplina *Questões escolares e perspectivas pedagógicas*, na graduação em Animação social, socioeducativa e sociocultural, no departamento Carreiras sociais, no *campus* de Bobigny, ministrada por Izabel Galvão. O objetivo da disciplina é fazer uma reflexão sobre os desafios que o processo de democratização do ensino traz para a escola francesa e conhecer correntes pedagógicas que possam abrir perspectivas para trabalhar essas questões. Uma das vias de atuação do animador social, no contexto francês, se desenvolve em equipamentos que acompanham jovens com trajetórias escolares marcadas por dificuldades de aprendizagem, baixo desempenho e uma relação fragilizada com a escola. Além de oferecer referenciais teóricos e problematizações que permitam compreender os desafios da escolarização vivenciados por esses jovens, a disciplina busca ampliar o repertório de análise e intervenção. Embora tenha nascido na França, a pedagogia Freinet é pouco presente, consistindo numa prática muito minoritária no cenário educacional, no qual predominam práticas prioritariamente baseadas na "forma escolar" tal como caracterizada por G. Vincent (1994). Trazê-la ao conhecimento dos estudantes representa uma oportunidade para que, em sua futura atuação profissional, possam construir propostas que não se limitem meramente a reproduzir práticas escolares que já se mostraram pouco efetivas em tais contextos.

Durante o pós-doutorado, Daniela pôde contribuir com a experiência brasileira. Como forma de os estudantes franceses terem um contato mais próximo com a prática desta pedagogia e vivenciarem uma de suas técnicas, propusemos a correspondência com uma turma de 5.º ano, da professora Cinthia Brum, de uma escola pública municipal na periferia de Campinas/SP. Cinthia trabalhou nesta escola por quase 15 anos e participa do movimento Freinet integrando a Rede de Professores e Educadores Freinet (REPEF). Na ocasião, ela integrava o Projet École, uma parceria entre a prefeitura municipal de Campinas e a Aliança Francesa com o objetivo de difundir a língua francesa e culturas francófonas, oferecendo formação a professores e estudantes selecionados para o projeto[3].

Neste texto, apresentaremos uma análise do contexto de produção das correspondências no Brasil e na França e uma reflexão sobre como a correspondência possibilitou aos estudantes ampliarem horizontes. Os brasileiros conheceram, através das histórias compartilhadas, um pouco da multiculturalidade e da gastronomia francesa, bem como o contexto da formação universitária que os estudantes franceses vivenciavam à época. Esses, por sua vez, conheceram principalmente o modo de funcionamento da pedagogia Freinet em uma escola brasileira, tanto pelo conteúdo das cartas como pela vivência de uma das técnicas Freinet na prática.

1 Revisão e normalização feita por Vera Lúcia Fator Gouvêa Bonilha

2 FAPESP - Bolsa de Pesquisa no Exterior (BPE) - Processo n. 22/09249-0

3 O termo de cooperação, que traz os detalhes do projeto, pode ser conferido em: https://portal-api.campinas.sp.gov.br/sites/default/files/contratos/TC%20010-23_20230321141636.pdf. Acesso em: out 2025.

PERSPECTIVAS PARA PENSAR A EXPERIÊNCIA NARRATIVA

Este texto traz a narrativa pedagógica de uma experiência de ensino, envolvendo estudantes universitários franceses e alunos brasileiros do 5.° ano do ensino fundamental, na qual compartilhamos saberes e conhecimentos. Como bem explica Prado (2013, p.150),

> Entendo como "narrativas pedagógicas", os dizeres e escritos dos professores e profissionais da escola (tais como memoriais, cartas, depoimentos, relatos, diários, relatórios, crônicas pedagógicas, dentre outros) produzidos com o propósito de compartilhar saberes e conhecimentos a partir da reflexão sobre a própria experiência, da observação da prática dos pares, da discussão coletiva, da leitura, do estudo e também da pesquisa.

Trata de uma correspondência escolar, cujas cartas escritas pelas crianças tinham como primeiro objetivo narrar a experiência delas com ferramentas da pedagogia Freinet. As cartas se configuram como um gênero narrativo que possibilita a escrita de si, uma reflexão sobre si mesmo e seu contexto. Figuram entre os gêneros biográficos no movimento da pesquisa (auto)biográfica, conforme apontado por Passeggi e Souza (2017, p. 22):

> A cada edição [CIPA] emergem interesses renovados pela utilização e apropriação de princípios e domínios da pesquisa (auto)biográfica como método de investigação e dispositivo de pesquisaformação, com base em diversos modos de grafias (escritas) da vida (bios). Destacam-se nesses repertórios de gêneros: os memoriais, romances pedagógicos, cartas, oficinas biográficas, entrevistas narrativas, videobiografias, fotobiografias, webgrafias ou escritas virtuais, fontes documentais, documentação narrativa de experiências pedagógicas, ateliês biográficos de projetos, análise de impressos pedagógicos, enquanto objetos propícios e fecundos para os estudos e desenvolvimento do movimento (auto)biográfico.

Neste trabalho, assumimos a perspectiva biográfica, conforme apresentada por Delory-Momberger (2019). Para a autora, pela escrita biográfica os seres humanos dão forma e sentido à sua existência e a inscrevem no contexto social mais amplo. O processo de biografização é uma forma de elaborar o mundo social e histórico e de como eles os constituem como seres sociais singulares.

> Por meio da biografia, realiza-se assim uma dupla e complementar operação de subjetivação do mundo histórico e social e de socialização da experiência individual: ao mesmo tempo e inseparavelmente pelo que os indivíduos se constroem como seres singulares e se produzem como seres sociais (Hoerning, 2000). A biografia abrange um conjunto de operações mentais, verbais e comportamentais pelas quais os indivíduos se inscrevem subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais pré-existentes e os cercam, apropriando-se de sequências, programas e padrões biográficos formalizados (currículos escolares, trajetórias profissionais, padrões biográficos, roteiros e cenários de ação) dos mundos sociais dos quais participam. Aparece, portanto, como um processo essencial de constituição do indivíduo na sociedade (Delory-Momberger, 2019, p.51).

Tal reflexão relaciona-se com a perspectiva histórico-cultural, na medida em que Vigotski concebe a constituição individual no imbricamento da história social e história pessoal, isso porque "[...] A história pessoal (desenvolvimento cultural), sem deixar de ser obra da pessoa singular, faz parte da história humana [...]" (Pino, 2000, p.51).

Freitas (2019, p. 49), ao pensar acerca das contribuições da perspectiva histórico-cultural ao método biográfico, afirma que:

> [...] Narrar é uma atividade de linguagem, tipicamente humana que se constitui na/pela palavra (oral, escrita). Orientado pela palavra, o sujeito elabora conceitos, organiza seu pensamento. Por conseguinte, há uma intrínseca relação entre narrar e pensar, entre narrar e elaborar conhecimento. Como já mencionado, a palavra – signo principal – é central na formação das funções psíquicas superiores. No processo de desenvolvimento cultural, tais funções não são formas isoladas, mas se entrelaçam na dinâmica do psiquismo; umas se valem das outras ao longo do desenvolvimento, afetam-se mutuamente, se transformam nesse processo e formam novas funções psíquicas (Vigotski,

> 1997b, 2001). Ao narrar, o sujeito mobiliza funções psíquicas superiores: imaginação, memória, elaboração conceitual, emoção...Com base no princípio da interfuncionalidade, a narrativa, atividade tipicamente humana, pode ser tomada como função psíquica superior que mobiliza e redimensiona outras funções. Ao narrar uma experiência de vida, o narrador, na relação com o outro e consigo, atribui sentidos, reflete sobre o vivido, (re)significa a experiência, elaborando assim novos modos de conhecimento.

Em sendo assim, este texto apresenta uma experiência pedagógica na qual os estudantes narram e partilham aspectos de suas trajetórias por meio da correspondência. A análise tem como objetivo identificar indícios da ampliação de horizontes que os participantes experienciaram e compreender as histórias e os significados implicados nas narrativas que escolheram compartilhar. Nosso esforço reside em entender os sujeitos entretecidos na história social e suas narrativas num dado momento e contexto histórico-social.

Para compreender a dinâmica social, recorremos também aos estudos de Yves Clot, que tem em Vigotski uma de suas referências principais (Clot, 2006; 2010a; Clot *et al*., 2021). O conceito de gênero de atividade, elaborado pelo autor, nos ajuda a entender as práticas sociais narradas nas cartas. Inspirando-se no conceito de gêneros de discurso de Bakhtin, Yves Clot (2010a, p. 121-122) diz que não somente os discursos são relativamente estabilizados nos diferentes campos da atividade humana, mas os modos de fazer também, constituindo o gênero de atividade.

> O gênero é, de algum modo, a parte subentendida da atividade, o que os trabalhadores de dado meio conhecem e observam, esperam e reconhecem, apreciam ou temem; o que lhes é comum, reunindo-os sob condições reais de vida; o que sabem que devem fazer, graças a uma comunidade de avaliações pressupostas, sem que seja necessário reespecificar a tarefa cada vez que ela se apresenta. É como uma senha conhecida somente por aqueles que pertencem a um mesmo horizonte social e profissional.

Nesse sentido, o conceito de gênero de atividade nos oferece uma chave analítica para compreender as práticas narradas nas cartas, não apenas como relatos individuais, mas como expressões de modos relativamente estabilizados de agir e significar em diferentes esferas da vida social. As correspondências mobilizam tanto práticas escolares quanto práticas culturais, como a culinária, que emergiu no intercâmbio por meio da troca de receitas entre os estudantes brasileiros e franceses. Assim, o conceito permite analisar como essas atividades – escolares e culturais – se organizam historicamente, são compartilhadas coletivamente e se inscrevem em horizontes sociais específicos, incluindo dimensões de patrimônio e tradição.

Após ter delineado os fundamentos teóricos e metodológicos, voltamo-nos à experiência em si: o contexto e o processo de produção das cartas. Partimos da pedagogia Freinet como referência inicial, para então aproximar-nos das realidades dos estudantes brasileiros e, na sequência, dos estudantes franceses.

DA FRANÇA PARA O BRASIL E DO BRASIL PARA A FRANÇA

O Movimento da Escola Moderna começou justamente por meio da correspondência. Tão logo Freinet iniciou a experimentação de suas técnicas, começou a partilhá-las com outros professores e, assim, nasceu o movimento Freinet (Freinet, 1975; Teixeira; Anjos, 2022). No Brasil, segundo Baclet (1976) e Munhoz (2021), a pedagogia Freinet chegou pelo Ensino Superior, na Universidade de São Paulo (USP), em 1972, com o professor francês Michel Launay. Em seguida ela se espalhou pelo país por meio de cursos e conferências por ele ministrados, e também de grupo de estudos com suas alunas.

Célestin Freinet foi um educador francês (1896-1966) que criticava a escola tradicional e sua escolástica. Ele conheceu novas pedagogias, como Montessori, Pestalozzi, mas criou

um movimento próprio, em acordo com seus princípios, pensando em uma escola do povo, em detrimento de uma escola para o povo, distinção trabalhada em Foucambert (2010). Autonomia, cooperação, trabalho e livre expressão são eixos centrais de suas elaborações teóricas e práticas. Dentre as diversas técnicas que fazem parte de sua pedagogia está a correspondência.[4]

A correspondência interescolar é uma técnica criada por Célestin Freinet com a intenção de promover a comunicação real e significativa entre alunos de diferentes escolas. Por meio de cartas, relatos, desenhos e trocas de experiências, os estudantes escrevem com propósito, desenvolvendo autonomia, expressão, cooperação e interesse pelo outro. Mais do que um exercício de redação, a correspondência é um instrumento de socialização e aprendizagem ativa, pois estimula a comunicação autêntica (escreve-se para alguém real, e não apenas para o professor); favorece o intercâmbio cultural entre comunidades e contextos diferentes; desenvolve a linguagem escrita em situações reais de uso; promove respeito, empatia e espírito de cooperação; integra saberes de diferentes áreas (língua, geografia, história, artes, etc.).

Na escola brasileira, que participou da experiência, esta abordagem chegou em 2010, graças a uma professora, Ana Flávia Valente Buscariolo Teixeira[5], que trabalhara anteriormente em uma escola Freinet da rede privada. Em 2010, Ana Flávia e Cinthia – uma das autoras deste trabalho – trabalhavam em turmas de 5.º ano e, como vários alunos ainda não estavam alfabetizados, elas encontraram na Pedagogia Freinet um caminho para trabalhar com eles com saberes tão discrepantes. Atualmente, vários professores desta escola trabalham com ferramentas de Freinet, e dessa experiência surgiu um grupo de estudos do qual integram professores de outras escolas da região metropolitana de Campinas (Teixeira, 2025).

Apesar de a Pedagogia Freinet ter se iniciado na França, como citamos anteriormente, ela é ausente da maioria das escolas. Os estudantes franceses não a conheciam e tampouco suas ideias. Tiveram experiências de escolas, na maioria dos casos bem tradicionais e distantes daquela defendida por Freinet. Alguns estudos analisam essa questão, como o de Peyronie (2017), que mostra as influências da Pedagogia Freinet na escola francesa e sua presença minoritária nas escolas públicas e também na formação dos professores.

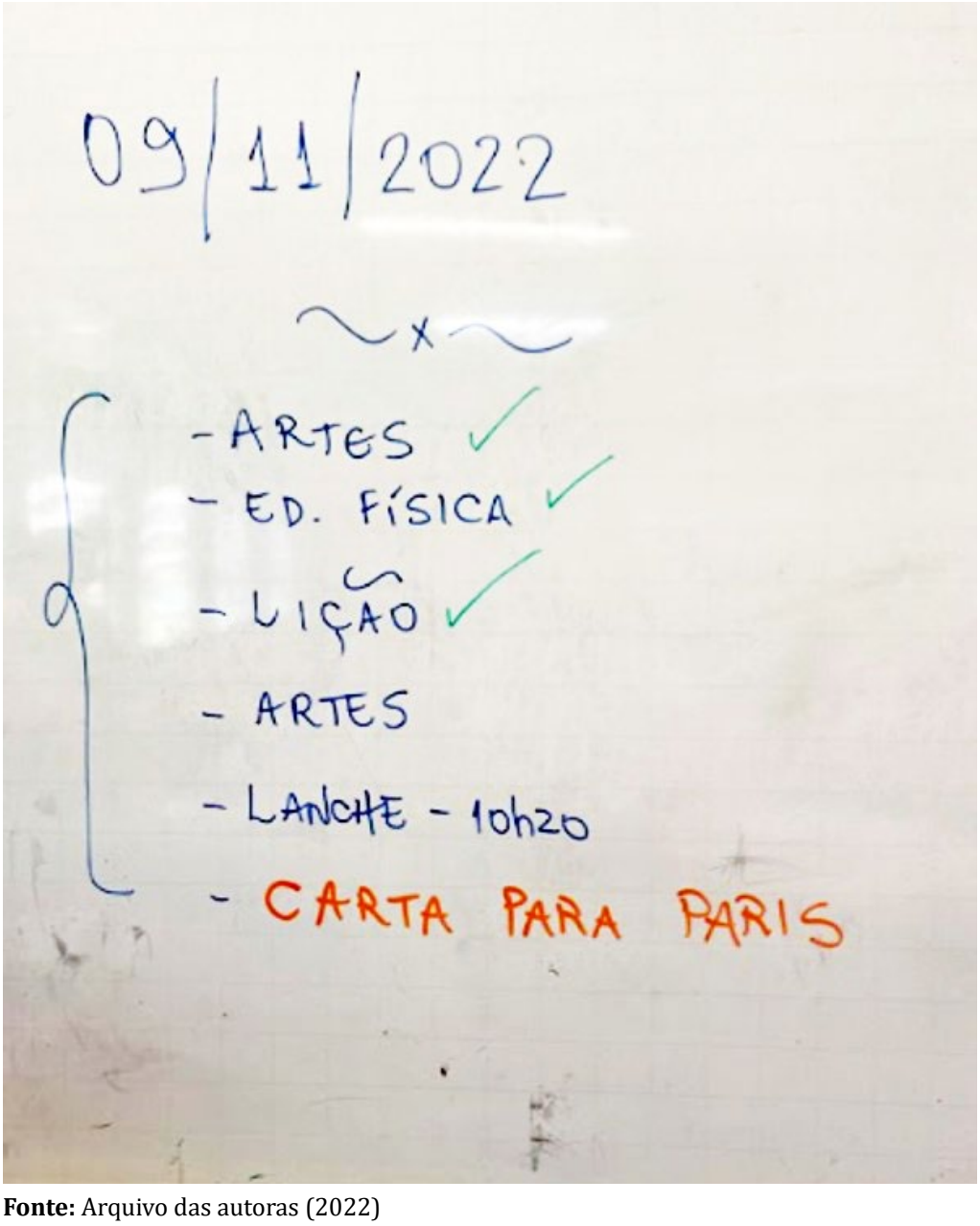
ROTINA DO DIA: CARTA PARA PARIS!

Os alunos brasileiros receberam com entusiasmo a ideia de se corresponderem com estudantes franceses. O convite surgiu como uma novidade empolgante para aquele final de ano de 2022, quando alunos e professora já demonstravam sinais de cansaço. No dia de convidar os alunos para esta correspondência, a professora Cinthia teve a ideia de escrever na rotina, usando uma cor diferente: "Carta para Paris" (na verdade o *campus* dos alunos franceses era na grande Paris, na cidade de Bobigny, mas essa explicação seria complexa, e a professora apostou – com sucesso – que o nome "Paris" causaria mais interesse nas crianças). De fato, escrever desta forma na rotina do dia despertou curiosidade, interesse e entusiasmo nas crianças, que acabaram por aceitar a proposta com muita empolgação, chegando a "gritar de emoção", conforme a professora Cinthia relatou para Daniela via *whatsapp* (forma pela qual nos comunicamos para combinar os próximos passos da atividade).

4 Para saber mais sobre a Pedagogia Freinet, consulte o número especial do Caderno Cedes, "Trabalho Docente e Pedagogia Freinet" (2022), disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/i/2022.v42n117/.Veja também as coletâneas organizadas por Adriana Pastorello Buim Arena e Valéria Aparecida Dias Lacerda de Resende (2020, 2021, 2022), que reúnem reflexões teóricas e relatos de práticas pedagógicas inspiradas nessa perspectiva.

5 Ana Flávia Buscariolo coordena um Grupo de Trabalho que estuda a pedagogia Freinet. Parte da historia deste grupo está disponível em: https://www.even3.com.br/anais/xfalaoutraescola2021/375243-se-podar-a-gente-brota-ou-de-quando-nosso-gtc-freinet-migrou-para-unicamp/. Acesso em: 3 fev. 2024. E também em sua tese de doutorado (Teixeira, 2025).

Figura 1. Foto da lousa com o convite para a escrita da carta

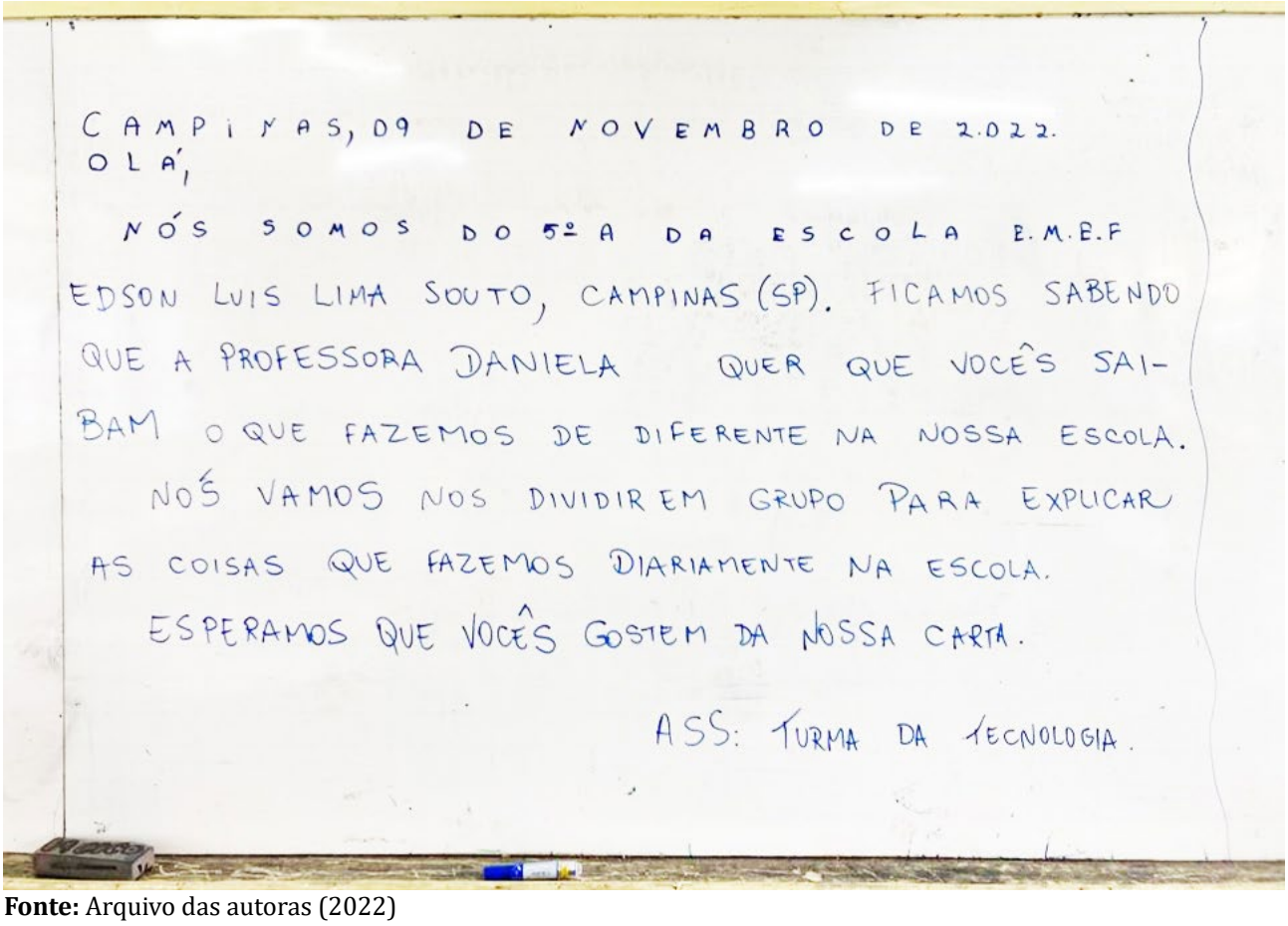


Fonte: Arquivo das autoras (2022)

A turma, composta por 28 alunos, se dividiu em grupos e cada um deveria escolher algumas técnicas Freinet para apresentar aos estudantes franceses, explicando-lhes como ela funcionava na sala deles. As técnicas escolhidas foram: ateliês, livro da vida, aula passeio, correspondência, plano de trabalho e texto livre. Naquele ano, 2022, ainda muito marcado pela pandemia da Covid-19, as crianças tinham retornado ao ensino presencial, após quase 2 anos de ensino remoto/híbrido. Uma vez que a professora Cinthia não havia nomeado para eles a Pedagogia Freinet, nem feito uma apresentação mais formal desta aos pais como em anos anteriores, ela viu na escrita da carta uma oportunidade de aprofundar esta conversa com as crianças: nomear a perspectiva adotada e sublinhar alguns aspectos dela, ampliando assim o conhecimento delas acerca de sua própria trajetória escolar.

Para as crianças, contar sobre a pedagogia Freinet para outros foi um modo de eles mesmos entenderem o que faziam. A escrita possibilitou que a turma refletisse sobre suas práticas e compreendessem melhor o que viviam, mas que não era necessariamente nomeado.

Figura 2. Parte coletiva da carta, escrita na lousa



Fonte: Arquivo das autoras (2022)

Além de uma parte escrita coletivamente, cada grupo escrevia uma carta contando o trabalho com uma das técnicas escolhidas. A professora Cinthia tirou foto das cartas e enviou para a professora Daniela, via *whatsapp*, juntamente com um áudio, com algumas perguntas que a turma gostaria que os estudantes franceses respondessem.

Figura 3. Transcrição de conversa entre as autoras por whatsapp

Cinthia: Bom dia Daniela, tudo bem? Estou aqui com os anjos. Falem oi anjos!

Crianças: OIIIIIII! (em coro)

Cin**thia:** Eu vou te mandar o que cada grupo fez... E aí eles querem fazer algumas perguntas também:

Eles querem saber como é onde os estudantes vivem, se eles gostam de viver aí.

Teve um aluno que pediu uma receita francesa, pois ele gosta muito de cozinhar.

Perguntaram o nome dos estudantes, em que ano eles estão, a idade deles.

...

Tem passeio no curso de vocês? Tem aula-passeio?

São essas as questões, um abraço e bom dia para vocês aí.

Fonte: Arquivo das autoras (2022)

Receber a resposta foi um momento de grande emoção para as crianças, afinal, como Freinet (1974, p. 125) já descrevera: "A chegada destas encomendas desperta nas nossas aulas um entusiasmo indescritível. Nenhum acontecimento pedagógico consegue atingir igual animação. É necessário ter vivido tais momentos para compreender todo o sentido desta afirmação. São cenas inesquecíveis".

No caso de Freinet, junto com as cartas havia uma troca de "presentes", lembranças de toda espécie trocadas entre as turmas. Em nosso caso, a distância impossibilitou esse tipo de troca, todavia a troca das palavras, dos conhecimentos, enfim, da vida, foi tão significativa quanto. Quando do recebimento das cartas em francês, elas foram projetadas na lousa com o auxílio de um datashow: primeiro era lida em português e depois era mostrada o original em francês. Foi pedido que os alunos tentassem reconhecer algumas palavras e, ao conseguirem, isso resultou em várias conversas sobre a constituição das línguas em questão, como por exemplo, a explicação de que nossa língua e a francesa vêm da mesma raiz latina, assim como o espanhol.

Palavras como nome e idade das pessoas, *bonjour, internet, chocolat, sucre, sel, lait* , foram identificadas por eles, gerando momentos de muita empolgação para os alunos e sua professora. O grupo se sentia capaz de aprender outra língua, que já não estava assim "tão, tão distante".

As palavras *chocolat, sucre, sel*, e outras dessa natureza, surgiram, porque um garoto do 5.º ano, autista e de conflituosa interação com colegas e professores, teve a ideia, enquanto a turma colaborava na escrita coletiva das cartas, de que fosse perguntado a respeito de receitas francesas (conforme ilustração da conversa via whatsapp). O garoto era muito interessado em cozinhar e sempre trazia esse assunto para as aulas, contando as coisas que ele e o pai, com quem ele morava, faziam na cozinha, contudo a professora nunca conseguira aprofundar esse seu interesse em alguma atividade escolar. A intensa troca de receitas que se seguiu, após a fecunda ideia do garoto de pedir uma receita francesa, acabou por suprir essa necessidade e ainda contribuir para a mudança do lugar que ocupava este aluno na classe. Para sua professora – e quiçá seus colegas – , a imagem deste aluno se transformou de um aluno "difícil" para o aluno que teve uma contribuição ímpar na escrita das cartas, propondo um dos assuntos marcantes das correspondências.

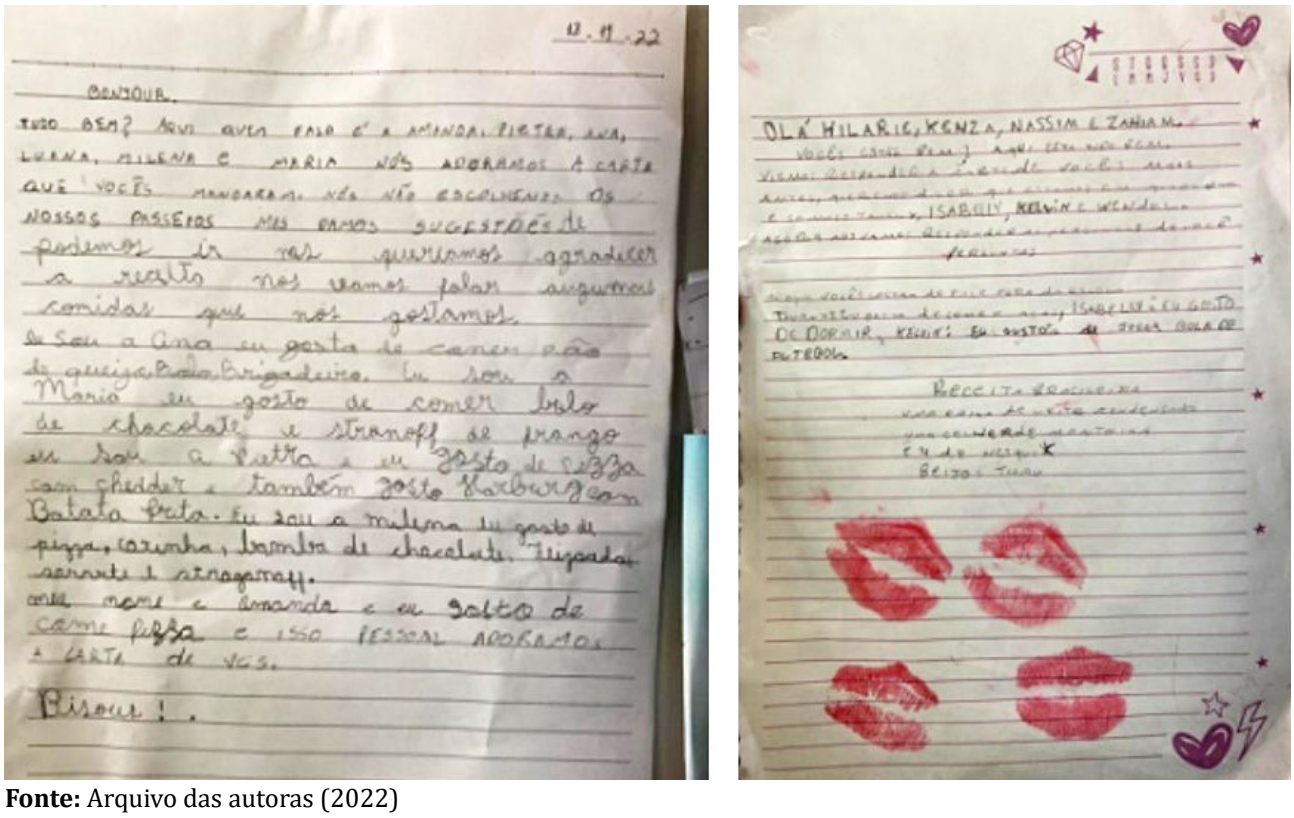
Ao receberem as cartas dos estudantes franceses, as crianças organizaram-se em pequenos grupos, compostos por duas ou três integrantes, para elaborar as respostas. Em virtude do encerramento do ano letivo, a correspondência não pôde ter continuidade. Ainda assim, nas cartas produzidas, observou-se um movimento de ampliação da apresentação de si, com o compartilhamento de elementos de suas trajetórias e de receitas brasileiras, configurando um gesto de intercâmbio cultural que extrapolou a explicação inicial das técnicas.

Todas as vezes que os alunos iam responder as cartas, mesmo escrevendo em português, eles queriam iniciar como os franceses, com "*Bonjour*": aliás foi uma pergunta recorrente naqueles dias: "*Professora,* bonjour *se escreve junto ou separado?*"

As crianças participaram do diálogo por correspondência com os estudantes franceses por meio da mediação das professoras, que organizaram e acompanharam o processo de escrita e leitura das cartas. Embora as técnicas da pedagogia Freinet já integrassem o cotidiano da turma, o convite para explicá-las a interlocutores externos produziu um deslocamento: foi necessário nomear, descrever e atribuir sentido às práticas que vivenciavam.

Ao escreverem sobre essas técnicas para estudantes reais, as crianças não apenas exerceram a função social da escrita – princípio central da pedagogia Freinet –, mas igualmente realizaram um movimento reflexivo sobre sua própria experiência escolar. O ato de explicar ao outro implicou revisitar o vivido, selecionar o que consideravam significativo e apresentar

Figura 4. Foto de algumas cartas produzidas pelos estudantes do ensino fundamental



Fonte: Arquivo das autoras (2022)

aspectos de suas trajetórias e de seu cotidiano escolar. De modo semelhante, ao responderem às cartas recebidas, ampliaram o intercâmbio, configurando uma comunicação efetiva e significativa.

"TIPICAMENTE FRANCÊS?": NARRANDO PARA ESTUDANTES BRASILEIROS UM POUCO DA VIDA E CULTURA DA GRANDE PARIS

A correspondência escrita pelas crianças foi lida em três turmas diferentes. Duas da mesma disciplina, no curso de animação social e sociocultural, e outra no mestrado em educação. No presente texto, apresentamos principalmente a experiência em uma das turmas do curso de animação social, do *campus* Bobigny.

Após uma breve apresentação sobre a história da Pedagogia Freinet, a turma foi dividida em grupos, e cada um recebeu uma das cartas com explicações sobre uma das técnicas Freinet: correspondência, texto livre, ateliês, aula passeio, livro da vida, avaliação e plano de trabalho. Receberam também um texto do ICEM[6] (movimento Freinet na França) sobre a ferramenta abordada na carta. No *site* do ICEM há uma verdadeira biblioteca de fontes sobre a pedagogia Freinet, com textos desde o início do movimento. A professora Daniela selecionou alguns para serem lidos durante a aula. Nos grupos, eles tinham a tarefa de responder às perguntas das crianças e fazer uma pequena síntese sobre a ferramenta para depois compartilhar com o restante da classe. As professoras Daniela e Izabel passavam pelos grupos e iam mediando as discussões.

Em alguns momentos se fez necessário explicar novamente que se tratava de uma comunicação real, de alunos brasileiros, pois, para alguns, a prática era tão distante do que estavam acostumados que não parecia verdade. Ficaram muito tocados com o fato de estarem dialogando com crianças reais que haviam se dedicado a apresentar-lhes aspectos da realidade que viviam e aguardavam ansiosas por respostas deles.

6 Disponível em: https://www.icem-pedagogie-freinet.org/outils-et-publications

No final, fizemos uma roda de conversa e partilhamos os aprendizados de cada grupo. As discussões nos grupos foram riquíssimas. Especialmente para responder às questões dos alunos brasileiros, que perguntaram como era viver naquela região e pediram uma receita típica francesa. Ao tomarem decisões sobre o que escrever, iam conversando sobre a vida deles, a relação com a cidade e, entre outros temas, emergiu a questão da imigração. Vários dos estudantes dessa turma vinham de outros países como: Ilhas Maurício, Argélia, Ilhas Comores, etc. Uma turma que reflete a França multicultural e, na hora de escolher um prato típico, por exemplo, pensavam se aquela culinária era ou não tipicamente francesa.

Além disso, houve comentários sobre as dificuldades de viver na região parisiense. Uma das alunas resolveu deixar isso registrado na carta. Ela comentou que Paris não é o que se vê nos filmes, citando o transporte lotado, pessoas estressadas e o frio, como podemos ler na carta abaixo. Ao final da aula, esta aluna se desculpou com a professora Daniela por ter sido muito realista, mas disse que achava importante eles não terem uma visão idealizada sobre Paris. "A vida em Paris não é como nos filmes. Os transportes públicos são frequentemente super lotados, as pessoas são frequentemente estressadas. Faz muito frio em Paris. Eu amaria viver em um país onde faz calor e onde tem mar."

Os alunos brasileiros puderam ampliar seu campo de visão sobre a vida em Paris, para além da Paris romantizada pelos filmes. Aprenderam que existe a grande Paris, onde fica a universidade Sorbonne Paris Nord, que os estudantes são de diferentes origens, e que a multiculturalidade faz parte do cotidiano deles. Tiveram acesso a muitas receitas, algumas "tipicamente" francesas, outras fruto da multiculturalidade, e também compartilharam com eles receitas "típicas" brasileiras, como brigadeiro e bolinho de chuva.

Editamos um arquivo com todas as trocas de carta. Uma versão impressa ficou na biblioteca da escola brasileira e serve como material de consulta, leitura e estudos. A professora Cinthia trabalhou com este material no ano seguinte, em 2023, com outra turma, lendo as cartas e explicando para eles o processo vivenciado anteriormente[7].

Figura 5. Trecho do material das cartas digitalizado

Fonte: Arquivo das autoras (2022)

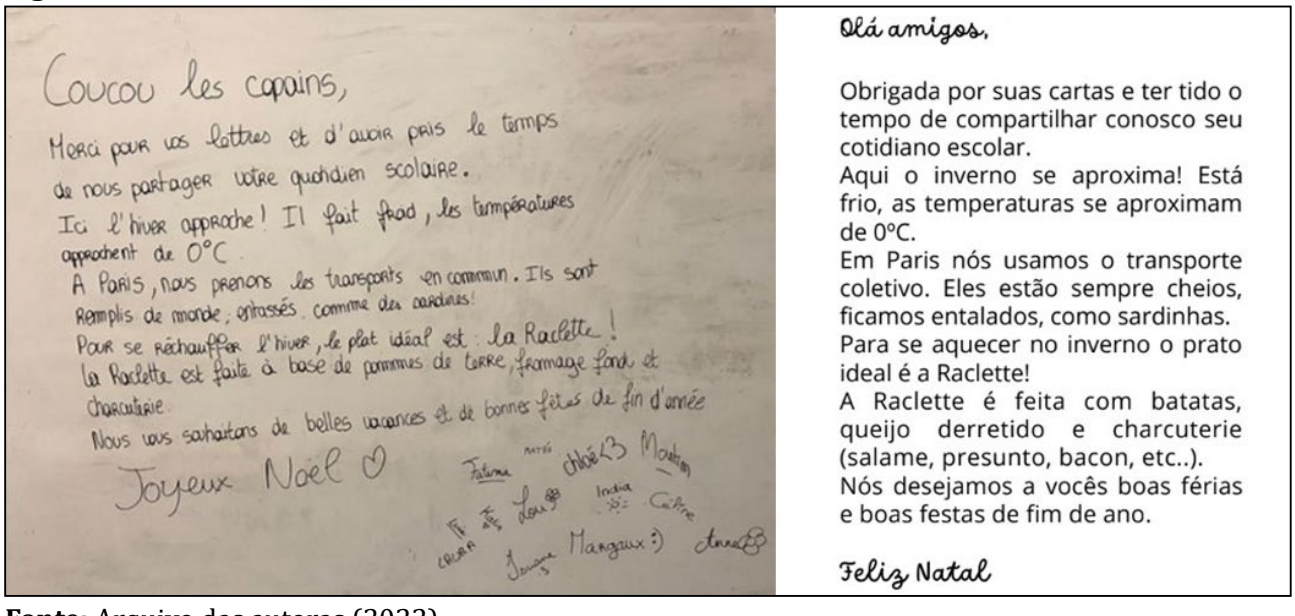
No final temos um material denso, em torno de 50 cartas. Uma primeira análise deste material foi publicada em Brum, Anjos e Galvão (2024) e apresentada no X Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica.

7 Este trabalho foi realizado com o objetivo de aproximar as crianças da língua e cultura francesas, pois a rede de ensino na qual trabalha possui parceria com a Aliança Francesa e, no ano de 2023, a professora foi bolsista deste projeto (Projet École).

VIAJANDO ENTRE CONTINENTES E AMPLIANDO HORIZONTES ATRAVÉS DAS CARTAS E DA CULINÁRIA

A partir da pergunta de uma criança, que pediu aos estudantes franceses para compartilharem uma receita francesa, um mundo de reflexões e ideias se abriu. Para alguns estudantes, a escolha de receitas foi feita em função do clima. Quando escreviam essas cartas, era um inverno bem gelado, *raclette* e *tartiflette* foram evocadas.

Figura 6. Foto das cartas trocadas



Fonte: Arquivo das autoras (2022)

Vários alunos se preocuparam em mandar uma receita que fosse típica esteve presente para vários estudantes. Mas em uma França multicultural, o que seria uma receita tipicamente francesa? Um dos grupos mencionou a receita do *couscous* marroquino, muito recorrente em toda França, apesar de não ser de origem francesa. Isso gerou vários comentários entre os estudantes, tais como: "*isso não é tipicamente francês, apesar de comermos muito*". E acabaram optando por outro prato. Uma estudante escreveu "Eu sonho conhecer o Brasil, e quem sabe seria ocasião de fazer para vocês uma das minhas especialidades culinárias: o *couscous*".

O estudo de Beji-Becheur, Ourahhmoune e Özçağlar-Toulouse(2014) sobre o *couscous* ilustra bem como um prato de origem magrebina foi gradualmente, sendo incorporado ao repertório alimentar francês, assumindo múltiplos sentidos – elemento identitário para comunidades magrebinas, produto comercial (restaurantes, indústria) e item consumido por públicos amplos em contextos urbanos. Essa circulação cria "espaços gastronômicos híbridos", onde paladares, técnicas e símbolos se renegociam. Estudos sociológicos e antropológicos descrevem um processo complexo: os migrantes, ao mesmo tempo em que preservam práticas alimentares como recurso identitário e afetivo, adaptam receitas, ingredientes e rituais ao novo contexto.

Essa reflexão nos leva a pensar na ideia de gênero de atividade de Yves Clot. Para o autor, os diferentes campos da atividade humana criam formas típicas de atividade, que são reconhecidas pelo grupo ainda que ninguém fale sobre isso. A culinária pode ser um exemplo disso. O gênero não é apenas transmitido, mas revitalizado cada vez que alguém se inscreve na cadeia infinita de atividades ininterruptas. A culinária e a apropriação do *couscous*, por exemplo, na culinária francesa é uma dessas formas de elaboração do gênero. E que faz

pensar em questões identitárias, na medida em que as receitas são uma parte importante da identidade cultural de um país.

Clot (2006a, p. 44) comenta que, quando nos tornamos parte de uma comunidade social, não só somos introduzidos num conjunto de convenções de práxis, como também essa partilha nos inclui num mundo de práticas que transcendem o indivíduo. De fato, o gênero pode definir-se como o conjunto das atividades mobilizadas por uma situação, convocadas por ela. Ele é uma sedimentação e um prolongamento das atividades conjuntas anteriores e constitui um precedente para a atividade em curso: aquilo que foi feito outrora pelas gerações de um meio dado, as maneiras pelas quais as escolhas foram decididas até então nesse meio, as verificações às quais ele procedeu, os costumes que esse conjunto enfeixa.

Para Clot (2010a), a realização da atividade pelo sujeito carrega em si a possibilidade de criar o novo. Ela não só não é produto do gênero, mas também uma realização única do sujeito. Isso também permite a ação, através das operações que a levam a termo, para tornar visível o que pode ser realizável e aquilo que alguém nem mesmo suspeitava. O objeto da ação tem vida própria. Porém é uma via dupla. A ação, ao realizar-se a si mesma, reduz a atividade, mas simultaneamente abre-se a novas possibilidades (Clot, 2006b, p .293). Retomando a contribuição de Leontiev, Clot (2006b, p. 233) afirma que, na busca de um objetivo, uma ação pode se deparar com resultados inesperados, que podem tornar-se fonte de novas mobilizações psíquicas, reconfigurando o objetivo inicial. "A atividade é, portanto, construtora de novos motivos que o sujeito descobre depois da experiência... nascidos não a partir dele mesmo, mas do real de sua atividade que, em parte, lhe escapa...". Para ele, diferentemente de Bourdieu, os inesperados do real não fariam apenas o sujeito buscar nos esquemas incorporados as respostas para a ação (*habitus*), mas eles podem provocar uma mobilização psíquica, dando origem a novos motivos, e, portanto, novas realizações possíveis.

Uma "simples" atividade pedagógica trouxe em cena essa realidade e colocou os estudantes, que vivem na grande Paris, com todas as suas contradições e multiculturalidade em diálogo com estudantes brasileiros que vivem na periferia. Realidades próximas e distantes ao mesmo tempo. Ao entrar em diálogo com estes "outros", eles pensam sobre a própria realidade e escolhem o que dizer: "*o* coucous *não é francês*", "*Paris não é tudo isso que se vê nos filmes - tem metrôs cheios e pessoas mal-humoradas*", "*o inverno é rigoroso*".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comentando sobre a potencialidade da correspondência na pedagogia Freinet, Grouillon (1995, p. 22, tradução nossa) aponta que falar de si para o outro suscita interrogações que permitem melhor compreender a si próprio:

> Acreditamos, muitas vezes erradamente, que conhecemos o meio em que vivemos, mas as perguntas por vezes ingênuas dos correspondentes mostram-nos até que ponto ignoramos o que nos rodeia e isso leva-nos a estudar problemas que nunca nos tínhamos colocado. De onde vem a água das nossas torneiras? Por que há tantos pais trabalhadores ferroviários na vizinhança? O que significa esse nome de rua? Por que um costume tão bizarro? Porque precisa descrevê-los, a criança toma consciência das suas condições pessoais de vida, da vida da sua aldeia ou do seu bairro, da própria província. Ele descobre o trabalho dos pais, dos trabalhadores da região, dos circuitos comerciais... Enquanto vivia muito perto das coisas, agora se distancia para melhor penetrá-las, para estabelecer relações.

As discussões acerca das receitas que melhor representariam a França ilustram bem como se deu esse processo para os estudantes franceses. Enquanto para os alunos do 5.° ano, que tiveram que apresentar o que faziam em torno de determinada técnica da pedagogia Freinet, foi relevante tomar consciência sobre os porquês da organização do trabalho que viviam. O fato de compartilharem com estudantes franceses – que, por estarem na universidade, representam jovens que tiveram êxito em

sua escolaridade – valoriza os conhecimentos de alunos ainda crianças, colocando-os numa posição de saber que age favoravelmente para construir uma imagem positiva de si. Esse movimento interno de compreender-se melhor a si e ao seu contexto para melhor comunicá-lo ao outro tem a potencialidade de contribuir para a emancipação do sujeito.

Nesta experiência de troca de cartas entre alunos brasileiros do ensino fundamental de uma escola pública do interior de SP e alunos da graduação da França, o movimento de fora para dentro também é importante. Para Freinet, a correspondência escolar visa favorecer o encontro com a alteridade, ampliar os horizontes para os interlocutores envolvidos. O interesse dos alunos do 5.° ano por aprender o significado de algumas palavras em francês é prova dessa abertura de horizontes. Ao comentar "*Prô, eu já sei onde vou estudar: Paris*", um aluno sugere que esta abertura incidiu até mesmo em projetos de vida que incorporaram Paris como destinação possível. Para os estudantes franceses, saber um pouco da vida de alunos brasileiros numa escola que pratica uma pedagogia vinda da França, possibilitou ampliar o repertório pedagógico e conferir legitimidade à palavra e ao ponto de vista de crianças, num aprendizado importante para a formação profissional deles.

Através desta experiência pudemos trazer a vida real para as duas turmas. Mais do que uma simulação de uma atividade de escrever cartas, tratou-se de uma comunicação verdadeira, que trouxe um pouco da vida e cultura de cada país para um outro contexto. Revivemos, de certo modo, o início da pedagogia Freinet, quando, pela correspondência entre Freinet e colegas, deu-se início um movimento de educadores. Foi também graças a este movimento que esta experiência foi possível. Participar do movimento de partilhar a pedagogia Freinet de forma genuinamente freinetiana – utilizando uma de suas técnicas – foi uma experiência muito significativa para nós e para os estudantes envolvidos. Afinal, em tempos de mercantilização do ensino denunciada por vários autores, resgatar o legado de uma pedagogia emancipatória faz-se necessário.

REFERÊNCIAS

BACLET, G. **O materialismo em pedagogia**. Trad. José Gomes Filipe. São Paulo: Martins Fontes, 1976. p. 11 – 28.

BÉJI-BÉCHEUR, A.; OURAHHMOUNE, N.; ÖZÇAĞLAR-TOULOUSE, N. The polysemic meanings of couscous consumption in France. **Journal of Consumer Behaviour**, n.13, p.196-203, 2014.

BRUM, C. V. ; ANJOS, D. D. ; GALVAO, I. Possibilidades da correspondência interescolar: ampliando o conhecimento de si para comunicar ao outro. *In*: ABRAHÃO, M.H.M.B; MATOS-DE-SOUZA, R.; CUNHA, J. L. (org**.). Insubordinações epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica.** Coleção 5, v. 1. Curitiba: CRV, p. 97-109, 2024.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006a.

CLOT, Y. Psicologia. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: FabreFactum, 2010a.

CLOT, Y.; BONNEFOND, J.-Y.; BONNEMAIN, A.; ZITTOUN, M.. **Le prix du travail bien fait. La coopération conflictuelle dans les organisations.** Paris: La Découverte222 p., 2021. 978-2-348-05785-4.

DELORY-MONBERGER, C. Biographie/biographique/biographisation. *In:* DELORY MOMBERGER, C. (dir.). **Vocabulaire de recherche biographique en éducation.** Toulouse: Erès, 3, 2019.

FOUCAMBERT, J. **A escola de Jules Ferry:** um mito que perdura. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FREINET, C**. O jornal escolar.** Lisboa: Estampa, 1974.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna.** Lisboa: Estampa, 1975.

FREITAS, A. P. A narrativa (auto)biográfica como meio/modo de elaboração de conhecimento de alunas de Pedagogia no Contexto da Educação Inclusiva. *In:* BERANRDES, M. E. M. (org.). **Narrativas e Psicologia da Educação**: Pesquisa e

Formação. São Paulo: Terracota Edirota, v. 1, p. 43-66, 2019.

GROUILLON, R. La correspondance scolaire. **Le nouvel educateur,** 1995.

MUNHOZ, L. M. de M.; PRADO, G. do V. T. Pedagogia Freinet no Brasil: revisão de produções acadêmicas nos últimos 40 anos. **Revista Hipótese,** Bauru, v. 7, p. e021004, 2022. DOI: 10.47519/eiaerh.v7.2021.ID50. Disponível em: https://revistahipotese.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/50. Acesso em: 3 mar. 2024.

PASSEGGI, M. C.;SOUZA, E. C. O Movimento (Auto) Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, v. 2. n. 1, p. 6-26, 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032

PEYRONIE, H. La pédagogie Freinet : quelle(s) influence(s) sur l'École publique française ? **Spécificités,** v. 10, n. 1, p. 12-37, 2017. https://doi.org/10.3917/spec.010.0012.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade** [online],. v. 21, n. 71, p. 45-78, 2000. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200003 ISSN 1678-4626. https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200003. Acesso em: 17 jul. 2022.

PRADO, G. do V. T. Narrativas pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. **Interfaces da Educação**, v. 4, n. 10, p. 149–165, 2013. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/537.

TEIXEIRA, A. F. V.B. **Já não estamos sós:** as possibilidades de (auto)formação cooperada na perspectiva freinetiana. 2025. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2025. No prelo

TEIXEIRA, A. F. V.B.; ANJOS, D. D. dos. Trabalho docente e Pedagogia Freinet. **Cadernos CEDES**, v. 42, n. 117, p. 127–132, 2022. https://doi.org/10.1590/CC251567

VINCENT G. [dir.]. **L'éducation prisonnière de la forme scolaire.** Lyon: Presses universitaires de Lyon, 1994.

Recebido em: 16/10/2025
Aprovado em: 05/02/2026

(cc) BY-NC Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.